

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: trajetórias

Helena Copetti Callai
copetti.callai@gmail.com

Doutora em Geografia Física pela
Universidade de São Paulo (USP). Professora
Titular da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

RESUMO

A pesquisa em ensino de geografia no Brasil se contextualiza em âmbito internacional e nacional e se realiza de modo diverso em diferentes espaços. Esta narrativa está centrada num lugar, que é Rio Grande do Sul (RS) e numa região específica, numa atuação singularizada. As bases para a escrita são retiradas de documentos do RS na Associação de Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre (AGB-PA) e da região na Unijui em documentos institucionais e no material produzido no denominado Projeto de Estudos Sociais. É uma narrativa que tem o olhar de quem escreve e pode ser parcial, mas a intenção é ser uma contribuição para demarcar a trajetória de uma linha de pesquisa que diz da geografia escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia escolar, Educação geográfica, Trajetórias de pesquisa

EDUCACIÓN GEOGRÁFICA: trayectorias

RESUMEN

La investigación en la enseñanza de la geografía en Brasil se contextualiza a nivel internacional y nacional y se lleva a cabo de diferentes maneras en diferentes espacios. Esta narrativa se centra en un lugar, que es Rio Grande do Sul (RS) y en una Región específica en una actuación singular. Las bases para la escritura se toman de documentos de RS en Asociación Brasileña de Geógrafos - Sección Porto Alegre (AGB-PA) y de la Región de Unijuí, en documentos institucionales y en material producido en el llamado Proyecto de Estudios Sociales. Es una narrativa que tiene una mirada que puede ser parcial, pero la intención es ser una contribución para demarcar lo percurso de una línea que dice de la geografía escolar.

PALABRAS CLAVE

Geografía escolar, Educación geográfica, Percursos de investigación

Introdução

Falar e escrever acerca do que é a nossa atuação com professores de geografia neste momento remete necessariamente a pensar naquilo que construímos ao longo dessa trajetória atuando como professores em cursos de formação na licenciatura e no bacharelado de Geografia e como pesquisadores. Este lugar de professora, de orientadora em trabalhos de monografia na graduação e nas pós graduações lato - sensu e stricto-sensu- mestrados e doutorado e na supervisão de pós-doutorado, bem como na iniciação científica demarca os entendimentos construídos ao longo do tempo. Agrega-se a estes trabalhos o da formação continuada seja em ações ocasionais seja em projetos desenvolvidos junto aos professores das escola básica. Mas também tem a ver com o próprio processo de formação e com a relação com colegas¹ com quem foram partilhados momentos e atividades na busca de pensar sobre o que é ensinar Geografia e para que serve ser geógrafo ou professor de geografia.

Este é o olhar que rege esse texto e que produz e sistematiza os entendimentos e os escritos que são agora apresentados. É uma narrativa construída no fazer acadêmico e fique claro que é, portanto, o meu olhar sobre as vivências e que tem como sustentação os referenciais teóricos que orientam a educação e a geografia ensinada. Situo as

¹ Em especial com Dirce Suertegaray pelas conversas, naquele tempo e agora, e por seu depoimento quando recebeu prêmio no ENANPEGE 2019.

informações no âmbito do Rio Grande do Sul, que é onde iniciei a minha formação e realizei o trabalho acadêmico até os dias atuais, mas tem as referências aos outros lugares nacionais e internacionais seja para formação seja como parcerias em grupos de pesquisa.

As informações trazidas são apresentadas com ênfase no que acontece no Rio Grande do Sul, contextualizadas no âmbito de escalas de análise significativas para pensar o tema, no Brasil, na América Latina e na Europa. A opção de centrar a discussão no Rio Grande do Sul decorre de que este é o *locus* da minha atuação como docente em Programas de pós graduação. No Brasil porque desde o início dessa trajetória estou inserida em grupos de pesquisa que extrapolam o regional, nas parcerias com colegas da UFRGS, e talvez pela minha formação de pós-graduação que acontece na USP em São Paulo e onde encontro desde então, parcerias² para pensar e pesquisar sobre essa temática. Do mesmo modo a inserção numa rede de pesquisadores da América Latina (REDLADGEO)³ decorre do encontro com colegas que tem as mesmas preocupações a respeito de como ensinar geografia e para isso se realizam pesquisas, produções acadêmicas e intercâmbios. Com colegas da Espanha, Portugal e Itália se acentuam os contatos tendo como elo significativo o momento da realização do pós-doutoramento em Madrid. Nestes contextos os avanços do conhecimento permitem nos situar em escalas diferenciadas, para abordar o mesmo tema e investigar acerca dos mesmos problemas, sempre com o olhar da geografia (no contexto da ciências sociais) como uma disciplina e uma ciência que nos dá a identidade e nos diálogos com a educação pois que o interesse está centrado no que significa e para que serve ensinar e aprender geografia. Enfim, o pano de fundo é a reflexão acerca da educação geográfica na formação de sujeitos, que tendo acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade, possam compreender o mundo em que vivem tendo como caminho o estudo da geografia, fazendo a análise geográfica, desenvolvendo o pensamento geográfico que orienta a dimensão espacial dos fenômenos.

² Especialmente na parceria com Lana de S. Cavalcanti e Sonia M.V Castellar e que desde então se mantem.

³ REDLADGEO Red Latinoamericana de Investigadores em Didáctica de la Geografía, reúne pesquisadores da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Venezuela e realiza a cada dois anos de modo itinerante nesses países o Colóquio Internacional reunindo os pesquisadores.

Como se faz a história

Parafraseando Milton Santos (autor que tem orientado meu olhar acerca da geografia), não podemos correr o “risco confundir o presente com aquilo que não mais o é” (2004, p.15). Nessa argumentação ele diz que “os fatos estão aí, objetivos e independentes de nós. Mas cabe a nós fazer com que se tornem fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem” [...] Sem relações não há ‘fatos’. É por sua existência histórica, assim definida, no interior de uma estrutura social que se reconhecem as categorias da realidade e as categorias de análise” (idem). Entendo que como professores e pesquisadores todos nós (que atuamos no Ensino superior e na Educação básica) adotamos categorias para fazer a análise geográfica e que servem também para produzir o olhar sobre as nossas práticas. Cada lugar é único, mas precisa ser compreendido nos contextos em que se insere, pois que, “a localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar” (SANTOS,1985, p.2).

Este é o esforço de trazer um olhar sobre a nossa história (deste lugar) tendo sempre presente os conceitos da geografia e as categorias de análise capazes de dar conta de uma explicação do mundo e da vida no mundo. Enfim, trabalhamos com geografia para que?

No Rio Grande do Sul

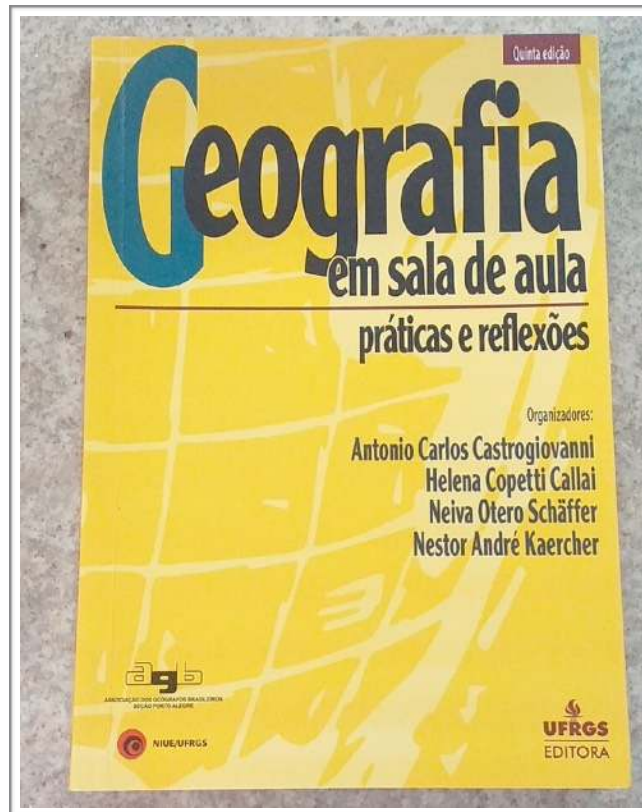
Estes escritos compõem, então, nessa perspectiva uma narrativa singular do que é uma trajetória da geografia no RS, mais centrada na ênfase que interessa como pesquisadores de ensino da geografia. O material utilizado para produção destas informações é basicamente extraído do site da AGB- PA, de memórias e de conversas com colegas que participaram de variados momentos acerca do ensino de geografia que tem acontecido no RS. O recorte é dado pelo tema de interesse que diz do ensino da Geografia, mas a acesso aos documentos indica uma riqueza imensa para ampliar dessa linha e trazer muitos outros aspectos, que aqui não são objeto de registro. Destaco a seguir, sem uma preocupação com a linearidade temporal, fatos que podem mostrar essa trajetória.

Em 1998 um grupo⁴ se empenhou em organizar numa publicação em formato de livro, vários artigos que estavam sendo publicados por pesquisadores de ensino de geografia. Foi produzida a 1ª edição do livro GEOGRAFIA EM SALA DE AULA - práticas e reflexões, com o selo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da AGB-PA, e em 2010, foi publicada a 5ª edição. Os organizadores (CASTROGIOVANNI, A.C. et all) apresentaram a obra com a seguinte justificativa: “Há algum tempo temos realizado esforços no sentido de refletir sobre nossas práticas, identificar nossos desafios e desventuras, sonhar com um espaço mais criativo e mais próximo do aluno, situar alternativas e propô-las. Nossa história expressa, há muito, nossa preocupação com o ensino da geografia” (p. 9). Esta citação indica o motivo de tornar acessível aos professores que atuam na educação básica na disciplina de Geografia um material que discorre sobre a temática e resultados de pesquisas que até então eram discutidos nos grupos envolvidos.

Destaca-se nessa perspectiva que, este era um momento em que vários professores do Rio Grande do Sul, se encontravam em reuniões periódicas em Porto Alegre para discutir o que estava sendo feito em cada lugar nas instituições que faziam a formação do professor e do bacharel em Geografia. Eram encontros com pauta estabelecida para discussão e construção de alternativas para desenvolver reflexões acerca do papel da geografia na educação básica e da formação dos professores. Estava latente a preocupação com um ensino mais situado na vida do aluno, contribuindo para uma formação crítica de modo a educar para uma formação cidadã. E, com a preocupação de compreender as possibilidades de uma disciplina com conteúdo curricular que encaminhasse a fazer a leitura do mundo, com as marcas da sua especificidade de ciência.

Neste sentido outra observação que merece ser destacada na publicação dessa obra dizia: “Foi pensando no professor de geografia - que busca através do seu fazer pedagógico, ampliar o conhecimento do aluno sobre o mundo, sobre as relações entre a sociedade e a natureza, das quais participa, e promover valores e atitudes que concorram para a construção de uma sociedade melhor - que organizamos esta coletânea” (p. 9).

⁴ Grupo formado pelos professores Antônio Carlos Castrogiovanni, (da UFRGS), Helena Copetti Callai (da UNIJUI), Neiva Otero Schäffer (da UFRGS), Nestor André Kaercher (da UFRGS).



Esta obra e tantas outras publicações em livros e em artigos de periódicos nacionais e internacionais são parte da trajetória de uma linha de pesquisa em ensino da geografia que atualmente marca como os professores e pesquisadores dessa linha expressam e produzem os resultados de suas pesquisas. Atualmente temos, portanto no Rio Grande do Sul, uma boa e bela densidade na produção acadêmica acerca da geografia no ensino escolarizado, na universidade com formação de professores e nos trabalhos de educação não formal, atingindo movimentos sociais.

Mas a história demarca este nosso fazer e com certeza estabelece a partir do tempo aquilo que podemos considerar como as nossas bases do fazer acadêmico intelectual na Geografia e ao que nos interessa na especificidade dessa linha de pesquisa sobre o ensino. Neste sentido precisamos contextualizar no tempo os acontecimentos que podem ter sido significativos para dar as bases do caminho percorrido até a nós hoje. Três fatos ou elementos podem ser indicadores da história do ensino de geografia no Rio Grande do Sul - a AGB-PA; o BGG - Boletim Gaúcho de Geografia e os EEG - Encontro Estadual de Geografia.

Com busca no site da AGB-PA (<https://agb-portoalegre.webnode.com.br/sobreagb/>) podemos encontrar muitas informações dessa história, pois que a AGB- Associação dos

Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, também tem uma marca significativa na trajetória do ensino da geografia no RS. E, muito embora não seja apenas a essa dimensão que se dedica esteve sempre pautada pela preocupação com o ensino e a pesquisa e a formação de professores. Nos documentos desse site encontramos que “A associação é uma entidade de utilidade pública criada em 19 de novembro de 1973 como um núcleo da Seção Regional da AGB-SP. Surgiu por iniciativa de Professores do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1976, tornou-se a Seção Regional do Rio Grande do Sul e, em 1980 com a mudança dos estatutos dos Geógrafos Brasileiros, recebeu a atual denominação” (consulta em maio de 2020).

Ao longo de sua trajetória a AGB-PA tem sido como que um elo de ligação entre os professores que atuam na educação básica, e os da universidade oportunizando eventos e publicações que sempre trazem junto as marcas do ensino da geografia. Além de uma trajetória importante na socialização de pesquisas, é importante considerar também as variadas possibilidades de conferências, palestras, cursos, que tem realizado ao longo deste tempo.

A AGB-PA tem um papel e uma presença significativa para a pesquisa de geografia e as preocupações com a educação geográfica, e em si como instituição de referência que nos une, pelos encontros que oportuniza a veiculação das pesquisas sobre geografia e as discussões acerca do ensino. Os EEG e o BGG são as possibilidades de contato entre todos os interessados e envolvidos com a Geografia: pela pesquisa, pela produção do conhecimento acerca do território gaúcho, pelo ensino, pela formação dos profissionais da área.

O EEG - Encontro Estadual de Geografia, com promoção da AGB-PA, juntamente com instituições universitárias do Estado, acontece no Rio Grande do Sul com 35 eventos já realizados, envolvendo professores de geografia de todo o estado, além de muitas presenças de outros estados da região sul e também dos países vizinhos do Uruguai e da Argentina. Aliás esta é uma ligação significativa pois conversar, pesquisar, dividir mesas de discussão com colegas de países que vizinham conosco, permite indicar aquilo que nos conceitos da geografia aprendemos sobre limites e fronteira. Os fenômenos que envolvem as populações e as suas relações com a natureza não são cortados pelo traçado de limites que separa os países. Mas, trazem consigo as marcas das nações, os interesses políticos envolvidos, e as formas de respostas aos problemas que muitas vezes são comuns, e que podem ser compartilhados. Uma partilha que mostra o quanto se aproximam as pessoas e que se reflete na cultura local/regional, mas que tem traços nacionais.

Se para Santos (1996, p. 273) “Cada lugar é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”, a proximidade entre dois países nos pontos de fronteira criam um lugar em que mescla os interesses nacionais de ambos os países, que embora com as marcas nacionais levam a produção de uma cultura marcadamente diferenciada de outros lugares. Essa realidade espacial no nosso caso agrega os interesses pela pesquisa em geografia e seu ensino, de modo a que as partilhas se evidenciem pelos interesses comuns e pelas trocas de experiências.

O fato dos eventos serem itinerantes pois são realizados a cada edição numa cidade diferente contribui para que os professores da educação básica de cada lugar tenham mais facilidades de acesso. Estes eventos além dos temas gerais da geografia, sempre tratam de problemas e questões da Geografia escolar, oportunizando a ligação de pesquisadores, estudantes do ensino superior, da pós-graduação e docentes que atuam na escola básica.

Para este ano de 2020 está programado o 36º Encontro Estadual de Geografia (EEG), na cidade de Tramandaí. São até agora em 2020, 36 eventos que demarcam a discussão sobre um tema que é caro aos docentes de Geografia e que tem envolvido professores de educação básica que passam também a ser desafiados a ingressar nas aventuras de ser pesquisador sobre ensinar e aprender geografia, e para muitos é um realimentar deste fazer.

O BGG – Boletim Gaúcho de Geografia teve sua primeira edição em 1974, e segundo seu organizador é, “com maior prazer que montamos o presente boletim, pois ele se constitui na primeira divulgação da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Regional do Rio Grande do Sul, instalada na cidade de Porto Alegre”. Nos primeiros números eram divulgados textos de pesquisas acerca de temas da Geografia e, no V.5, N.1 (1976) foi publicado o primeiro texto abordando questões do ensino, que tratava da formação do geógrafo⁵.

No V.8, N. 1 em 1980 são publicados 2 artigos abordando a avaliação em geografia, e no V.9, N.1 em 1981 é publicado um artigo que trata do ensino da Geografia em Santa Maria/RS. Em 1984 no V.12, N.1 é publicado um artigo tratando do trabalho de campo no ensino da geografia na escola de 1º e 2º graus. Em 1987 e em 1988 são publicados artigos que tratam do Livro Didático e a partir de 1989 até a publicação de 2010 em todos os volumes aparecem textos que abordam questões de ensino, da

⁵ “A formação do geógrafo gaúcho e seu desempenho profissional” de autoria de Casimiro Medeiro Jacobs.

formação de professores, da ligação da formação inicial com a atuação na escola básica e também temas específicos de conteúdo da Geografia.

Mais recentemente nas edições do BGG passam a rarear artigos abordando o ensino da geografia, e as temáticas presentes são de questões outras de especificidades da geografia. Este fato pode ser explicado pela quantidade de revistas e livros que tem sido publicados atualmente e que abordam especificamente o ensino da geografia e a pesquisa nessa linha. No entanto essa explicação pode ser discutível pois os cursos de pós-graduação –mestrado e doutorado passam a produzir dissertações e teses acerca do ensino, iniciando timidamente com as orientações no interior de outras linhas de pesquisa e, mais adiante passam a ser linhas com especificidade na orientação. É intensificada, então, a produção de pesquisas sobre a geografia no ensino, gerando um conhecimento novo acerca de problemas que afetam a escola, a disciplina de geografia, os currículos e a formação do professor.

Essa constatação de que atualmente são raros artigos no BGG abordando as temáticas de ensino sinalizam que o auge nessa produção foi na décadas de 1980 e 1990, o que poderia ser explicado pelas características de uma área emergente no panorama da ciência geográfica e que se mostrava com potência e força na investigação e principalmente no interesse em pensar e produzir cientificamente um conhecimento acerca do ensino da geografia. Outro detalhe é que os eventos nacionais da geografia a partir dos anos 2000 abrem linhas de pesquisa e GTs dedicados ao ensino, as áreas de fomento passam a financiar pesquisas e as teses e dissertações são em número significativo. De 1988 a 2000 timidamente aparecem nos Programas de Pós graduação em Geografia a nível nacional dissertações e em menor número teses, aumentando significativamente a partir de 2000 as dissertações e de modo mais lento com menor percentual também teses.⁶ Uma observação necessária é a respeito de que esses dados são dos cursos dos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* - PGSS - mestrado e doutorado em Geografia, mas nos cursos de PGSS em Educação há significativa produção de dissertações e teses abordando o ensino da geografia, assim como noutros cursos PGSS: de Ensino, e das diversas áreas das Humanidades e Ciências Sociais em particular.

No Programa de Pós graduação em Educação nas Ciências Mestrado e Doutorado - PPGEC/UNIJUI, onde atuo como professora permanente são produzidas (sob minha orientação) dissertações e teses que se dedicam à questões da Geografia e também

⁶ Dados apresentados em texto de Callai e Cavalcanti em 2018 (inédito).

acerca da interface desta com outras áreas: História, Literatura, considerando a especificidade das disciplinas curriculares para a educação básica. Muitas outras áreas se destacam nessa interconexão como por exemplo pelos cursos de Arquitetura e Urbanismo nas pesquisas sobre o estudo da cidade, e no caso da Pedagogia pelo fato de que os professores de Anos Iniciais tem a sua formação nestes cursos, e pela dimensão didático pedagógica necessária para a formação de professores.

Considero que são a produção de pesquisas importantes para pensar a educação escolarizada e a formação de professores nessas áreas e em especial tendo a Geografia como condutora e ou parceira nestes processos. Os conceitos que sustentam a geografia e as análises geográficas são nesse sentido incorporados pelos pesquisadores em seus estudos e produções.

Não é o caso de detalhamento neste artigo, mas é importante registrar que muitas publicações em livros tem sido feitas no Rio Grande do Sul, nos últimos anos apresentando textos de reflexão, ensaios e resultados de pesquisa e de experiências realizadas nos processos de educação formal e também com grande presença da educação não formal. Por exemplo em movimentos sociais, na educação popular, em escolas que poderiam ser consideradas especializadas em educação rural, indígena, quilombola, assentamentos e de outras minorias étnicas. São publicações importantes que demarcam o ensino da geografia nas mais variadas situações de atendimento às populações, gerando contribuições significativas em atendimento à demandas da sociedade e cumprindo com a inserção social da academia. Os livros autorais e as coletâneas de artigos são os produtos de monografias que resultam de trabalho de conclusão em cursos de graduação, em pós graduação/especialização, de mestrados e doutorados e também de dissertações e teses e inclusive relatos de experiências e relatórios de pesquisas que são estas financiadas por agências de fomento, com destaque local para a Fundação de Amparo a Pesquisa no Rio Grande do Sul – FAPERGS.

Na região Noroeste do Rio Grande do Sul - o caso de Ijuí

Numa escala de análise falar da região e do local não desmerece e nem pode ser descuidada a perspectiva do universal, que coloca regramentos ao nível das políticas públicas nacionais e sempre tem a perspectiva dos processos globais de desenvolvimento e também de atenção e cuidados com a educação. Diante disso apresento com o olhar crítico o que é do meu lugar, mas sabendo que é uma narrativa singularizada e que está submetida ao viés de interpretação de quem é também autor.

Em Ijuí na década de 1980 com o processo nacional de abertura política pós golpe/ditadura de 1964 havia uma inconformidade dos professores de Geografia e de História que atuavam na rede pública da região atendida pela FIDENE/FAFI (atual FIDENE/UNIJUI), que passou a exigir alternativas para realização de um ensino crítico, com bases fortes de conteúdo e que considerasse a vivência do aluno. Estava presente também a crítica aos livros didáticos, em especial porque não consideravam a realidade local e regional, o que é de supor normal e prático em livros que tem o caráter de atendimento nacional. A impossibilidade dessas obras apresentarem detalhes de cada porção do território brasileiro, das áreas rurais, das cidades pequenas mesmo assim se constitui um problema para o professor sobre o que fazer nas aulas. São os desafios de realizar um ensino que possa gerar aprendizagens significativas fazendo com que o aluno possa pensar os problemas locais e entender a realidade do espaço em que está inserido.

Veja-se, no caso da Geografia, como exemplo que a cidade que aparece no LD é aquela cidade grande, e inclusive com exemplos de figuras, de histórias e de organização urbana específicas- são cidades grandes do Brasil e do mundo. No caso da História também vigoravam as mesmas críticas, mas não é o caso aqui nesse texto, entrar nas questões dessa outra disciplina.

De todo modo o desafio de fazer o contraponto a este tipo de conteúdo exige, ao que parece, uma formação sólida do professor seja em conhecimento da própria ciência de referência, da história da sua constituição como ciência e como disciplina escolar que faz parte do currículo e tem estabelecidos parâmetros pelas políticas públicas. Do mesmo modo há que se ter o conhecimento dos conteúdos específicos da disciplina e no caso do seu ensino dos parâmetros didático - pedagógicos que se exige para realização do ensino.

Este tempo era o tempo das Licenciaturas Curtas que no caso da Geografia e da História estavam inseridas no curso de Estudos Sociais que formava professores para atuar na escola básica. As licenciaturas plenas emergiam e no caso desta região (e da instituição) foram muito importantes pelos cursos de férias⁷, que a partir de políticas públicas propiciavam a formação complementar em uma disciplina. No caso dos cursos de férias em si não há o que desmerecer a formação, pois se percebia e é preciso reconhecer que a formação em Licenciatura plena era exitosa, porque os professores que haviam cursado a licenciatura curta ou mesmo que lecionavam sem a formação

⁷ Os cursos de férias atendiam alunos que eram preferencialmente professores da educação básica e não tinham a formação específica. Nesse caso os alunos eram da região, mas também de outros lugares do RS, da região sul e de vários outros estados brasileiros.

específica, traziam para a sala de aula na universidade as suas experiências e o conhecimento de uma geografia que era o comum nas escolas. E traziam junto com as suas histórias de vida, as experiências com alunos da escola básica de onde atuavam, e produzia-se assim uma mescla de culturas que enriquecia a formação profissional de todos. E dos professores exigia coerência didático pedagógica no trato das questões tendo no caso da geografia as referências teóricas que fundam a ciência e a disciplina e o olhar cuidadoso com a escala ade análise na busca de explicações universais para entender as singularidades.

Uma experiência de produção de material didático

Num tempo em que a cultura nacional e os anseios do exercício cidadão com liberdade de pensamento e o exercício crítico no ensino e para a aprendizagem há que se ter também o olhar do Estado com as políticas públicas que se apresentavam. A intenção de atendimento a todos no acesso à educação tinha na sua contraposição a ideia de atender as realidades locais de maneira que o aluno se reconhecesse com identidade e pertencimento ao lugar onde vive e a compreensão do mundo que lhe dá referência e explicações para os problemas locais. O desafio que se apresentava era fazer um ensino que produzisse no aluno a capacidade de aprender o que a humanidade produziu e entender o lugar em que vive.

Para isso se fazia necessário um material que sistematizasse as informações que pelo senso comum cada um conhecia, que dizia da suas vidas nos lugares em que viviam. A ideia da “força do Lugar” - conceito de Milton Santos nos embala a pensar que “Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” percebendo que, “Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas em um tempo e em um espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente” (CALLAI, 2017, p.72). A isso se agrega, para interpretar esse tempo num determinado lugar e tendo em vista as pessoas que ali vivem, que é fundamental ter a compreensão teórica deste fazer acerca de um ensino que considera o lugar da vida dos alunos. Pois, “Cada lugar é a sua maneira, o mundo. [...] Mas também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 1996, p.252).

Na década de 80 com as possibilidades que se criavam com o processo de abertura política, é possível pensar para além do que estava formalmente posto, e considerado

como única maneira de fazer o ensino. Havia luzes que indicavam possibilidades, que estimulavam a criatividade e que permitiam perceber brechas para realização de uma educação mais crítica, mais aberta e emancipadora. Na universidade isso acontecia, mesmo que não de modo absolutamente tranquilo e seguro. Segurança em vários aspectos, seja pelo ambiente político que lentamente se abria mas com os resquícios dos anos mais duros o que exigia cuidados e atenção pois as marcas do acontecido ainda eram fortes. Segurança também do ponto de vista teórico pois com muitas proibições de acesso a autores que eram considerados interessantes estavam um tanto restritas. Pode-se lembrar da edição pirata do livro de Lacoste que tinha como título, “A geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra” e que mostrava a inutilidade da geografia ensinada na escola. Os conteúdos abordados, distantes da vida dos alunos, mas mais que isso sem existir um ensino que encaminhasse a aprendizagens significativas, sem que se conseguisse estabelecer os vínculos com a vida humana.

Teoricamente interessa ter a perspectiva da ciência geográfica com seus aportes para elaboração de um pensamento geográfico que possibilite conhecer e compreender o mundo, de modo que as aulas de geografia possam contribuir a dar sentido aos conteúdos a serem estudados. Ao mesmo tempo, importa também a dimensão pedagógica que orienta os processos de ensinar e de aprender com encaminhamentos didático e metodológicos sustentados em teorias da aprendizagem que sejam seguras.

Então, eram presentes os desafios de como fazer ensino de geografia que seja significativo para compreender o mundo e a vida no mundo comum, tendo bases teóricas que sustentem as interpretações e fazendo a interligação com o cotidiano vivido. Além de olhar para o lugar onde vivem, conhecer a sua cidade e buscar explicações para o que ali acontece, os alunos precisam superar o senso comum e compreender a realidade tendo as ferramentas intelectuais que lhes oportunize isso. A teorização e a elaboração dos pensamentos abstratos são fundamentais para fazer o exercício de aprender compreendendo os significados do que acontece e do que se está vivendo em cada lugar e no tempo histórico que se estava vivendo. Estes eram desafios que existam nos cursos de formação inicial mas também entre os professores da escola básica.

Na universidade, no contexto das várias disciplinas se tentava fazer essa interlocução entre o espaço vivido no lugar e as argumentações teóricas para dar a sustentação. Trabalhar os conteúdos de geografia aliados a dimensão didático-pedagógica exigiam esforços intelectuais significativos. E nesse contexto o aluno que fazia o seu curso se mostrava insatisfeito com o que devia fazer na sala de aula da escola básica

enquanto na universidade percebia as luzes que abriam o pensamento e que geravam aprendizados com base na argumentação e na crítica.

As lembranças nos levam a rememorar situações conflituosas que passaram a existir entre os professores da rede pública, e a DE- Delegacia de Educação do Estado do RS, e os professores do DCS - Departamento de Ciências Sociais da Unijuí que abrigava os cursos de licenciatura curta – no nosso caso de Estudos Sociais e os cursos de licenciatura plena de Geografia e posteriormente o de História também.

Para fazer a narrativa daquele momento recorreremos à nossa memória e a vários documentos produzidos na época que foram apresentados em eventos, e publicados e inclusive dissertações de mestrado. Assim se pode construir a narrativa, mas existiram documentos que são a prova do que foi realizado.

No que diz da narrativa é interessante referir ao embate que se estabelece entre os professores que demonstravam cada vez maior insatisfação com o trabalho que realizavam na escola, as instituições públicas que fazem a gestão e coordenação das escolas e da educação básica e o trabalho na universidade nos cursos de formação de professores. Inclusive era recorrente de qualquer das partes dizer que na formação inicial tudo era desmontado e na prática nada era construído e nem proposto de ser e/ou de como fazer.

O momento era propício a encontrar novos caminhos e foram reunidos, então as pessoas dessas três instancias a que se agregaram o Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul - CPERGS, a Associação de Professores Municipais de Ijuí - APMI -, a Secretaria de Educação dos municípios de Ijuí e de Ajuricaba e os sindicatos de professores. Foram realizadas várias reuniões de estudo e discussão acerca dos projetos pedagógicos de formação de professores, das políticas públicas para a educação básica e sobre os avanços e a historiografia das ciências de referência - História e Geografia e das respectivas disciplinas escolares. E, a partir daí iniciam as discussões de encaminhamentos do que se poderia fazer para tornar o ensino de Geografia e de História mais significativos, surgindo aquilo que se denominou de “Projeto de Estudos Sociais”.

Neste bojo foram realizadas as ações com o consentimento de liberação dos professores da rede pública para estudar e planejar atividades de modo a criar um melhor ensino de Geografia e de História para formação de crianças e jovens na escola básica. E para além da narrativa, temos até hoje os resultados práticos do trabalho e um deles é o conjunto de livros que compõem a “Coleção Estudos Sociais” - no caso com um livro de metodologia escrito como resultado dos estudos e reflexões desenvolvidos no âmbito do

“Projeto” e de autoria de professores⁸ do Departamento de Ciências Sociais da Unijui. E de um livro para cada uma das séries do ensino de 1º grau/com textos de História e de geografia elaborados pelos professores que atuavam nas escolas.

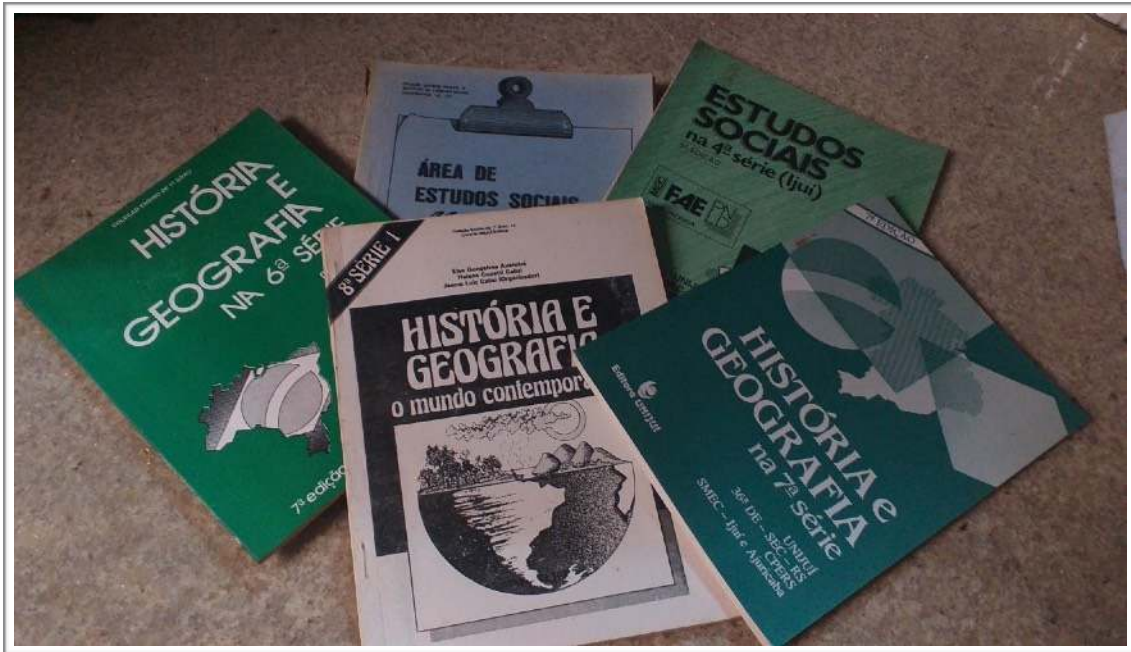
Este material era escrito individualmente por um professor que atuava na escola e discutido coletivamente pelo conjunto dos professores tanto da escolas quanto da Unijui. Uma primeira versão foi impressa em mimeógrafo e aplicado, como teste, em 4 escolas⁹ da região escolhidas pelos professores. Após o seu uso nestas escolas os textos eram rediscutidos com todos os professores na perspectiva de sua consistência e aplicabilidade para alunos da respectiva série. Feito isto os textos eram reelaborados e corrigidos, e postos em uma versão definitiva. Passado este período de teste e de avaliação e reescrita definiu-se que no ano seguinte algumas escolas aplicariam a nova proposta para mais uma experimentação, mas os professores não aceitaram e foram irredutíveis. Argumentavam os professores das escolas que eventuais problemas teórico-metodológico e mesmo de conteúdo deste material produzido coletivamente “por pior que fossem seriam sempre melhores que os livros texto até então disponíveis”. No entender dos professores os novos materiais deveriam ser utilizados em todas as escolas por todos os professores e atendendo a todos os alunos das escolas públicas (estadual e municipal) da área da 36ª DE/RS e às quais se agregaram as escolas particulares também.

Na Introdução do livro Área de Estudos Sociais – Metodologia publicado em 1986 (CALLAI, 1986) lê-se: “O presente trabalho é fruto de persistente reivindicação dos professores de 1º grau de Ijuí e região que, angustiados com a crise que afeta de forma mais intensa o ensino na área de Estudos Sociais vem, desde 1984, buscando alternativas para um trabalho educativo mais eficiente e gratificante” (p.13).

E continuando nessa exposição indo à origem, diz que “dessa luta resultou, em meados de 1984 a constituição de uma Comissão Mista de Estudos Sociais” [...] Do trabalho do ‘grupo de discussão e elaboração de material’, ainda no ano de 1984, surgiu a proposta curricular e de conteúdos programáticos na área de Estudos Sociais, Geografia e História, de 4ª a 8ª series do 1º grau” (p.14). “O material produzido, a organização dele, obedece a um princípio político – metodológico determinado. Os textos não são fechados, pelo contrário, pretendem motivar professores e alunos à conquista de novos limites, respeitando-se as características distintas dos mesmos enquanto grupo” (p. 16-17).

⁸ Elza Gonçalves Avancini, Helena Copetti Callai, Jaeme Luiz Callai, Maridalva Bonfanti Maldaner.

⁹ Escola Estadual de 1º grau Guilherme Clemente Koehler (Ijuí); Escola Estadual de 1º grau Pedro Maciel (localizada no meio rural); Escola Municipal de 1º grau- Ruy Ramos (Ijuí); Escola Municipal de 1º grau D. Pedro I (Ajuricaba).



Neste embalo foram sendo realizados muitos outros trabalhos que deram continuidade ao interesse e exigência de grupos e /ou de escolas. A marca ficou e estão registrados os nomes dos professores envolvidos, pois que o trabalho sendo coletivo e gerando uma produção coletiva, mesmo que um ou outro tivesse tido maior protagonismo as individualidades foram abstraídas. Os professores passaram a usar os livros que foram produzidos por eles mesmos no contexto do projeto.

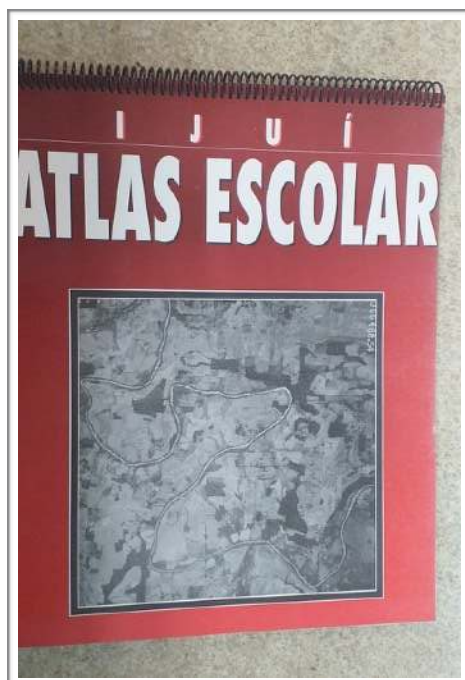
Numa observação a partir do que vivemos nos dias atuais pode-se dizer que interessava o trabalho gerado no esforço coletivo e como não tínhamos naquele momento a dinâmica de um produtivismo exacerbado hoje tão comum com a necessidade de observância de ser produtivo para registros de avaliação, isso foi tranquilo. Pode-se pensar já que atualmente temos que gerar uma produtividade (que está sendo também muito criticada), se de fato interessa produzir algo nos moldes atualmente exigidos para fazer publicações e que não se sabe se é lido e se contribui como algo significativo. Hoje não temos mais lugar para o coletivo, pois precisamos individualmente cada um dar conta do seu trabalho intelectual e mostrar-se produtivo, o que passa a ser expresso pelo número de publicações registradas e indicadas no Qualis Capes, pelos indiprodi e índice h (google acadêmico), dentre outros parâmetros.

São tempos diferentes, e a atual burocratização do trabalho acadêmico acaba por dificultar a relação da universidade com o mundo do trabalho na escola básica. Mas cada momento precisa ser entendido no seu contexto e considerando os conceitos de

Grupo- espaço - tempo que orientam nosso trabalho nas disciplinas curriculares de Geografia e também na História e na formação de professores.

Merece ser referida uma publicação feita neste contexto de trabalho com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Ijuí e pela SESu-MEC, que é um Atlas do município nominado como IJUI-ATLAS ESCOLAR, destinado aos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. O estudo do município fazia parte do currículo escolar nesta Série e a produção do Atlas foi para atender estes alunos sistematizando informações acerca do município, apresentando orientações didático-metodológicas para realização do estudo. O destaque é que cada aluno matriculado nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Ijuí recebeu gratuitamente um exemplar para seu uso.

Além destes (alunos da escola municipal) as demais escolas (da rede estadual e particular) aderiram ao seu uso, bem como passou a ser material para consulta em pesquisas. Mas a motivação principal era dada pela justificativa de que “Este ‘ATLAS’ foi feito para conhecermos melhor nosso município. Estudar Ijuí, conhecer as coisas que aqui existem, como nós vivemos, o que nós fazemos, nos leva a ter maiores informações e poder entender realmente o que acontece” (ATLAS, p. 5). E continuando, “Formar o cidadão é o objetivo principal da educação, e a escola tem, então, a atribuição de criar as condições e oferecer os instrumentos para que o estudante aprenda a pensar, a perguntar, a criticar, a construir a sua cidadania” (id.).



Ao desenvolver materiais didáticos e essas ferramentas intelectuais para aprender geografia avança-se na tarefa de também fazer a representação, que diz dos aprendizados pela sistematização das informações, mas que em si mesma também é uma forma de agregar novas informações e produzir o conhecimento, organizando o pensamento acerca da realidade vivida no seu cotidiano. Isso diz que importa “de maneira crítica, estudar, conhecer, analisar, buscar as explicações desta realidade para formar uma consciência coerente da realidade vivida com o pensamento universal. O espaço local, o lugar (o município neste caso) é a expressão do global” (ATLAS, p. 5).

Enfim, estudar o município significa estudar o lugar, conceito considerado por vários estudiosos ao longo da história da geografia, mas que sempre é presente, pois que nós todos vivemos em determinados lugares. E, compreender estes lugares onde ocorre o cotidiano da vida significa abordar os conhecimentos do senso comum colocados num contexto da ciência, o que produz as explicações. Neste sentido os conceitos de Grupo Espaço e Tempo passam a ser fundamentais para não incorrer em explicações simplistas que levem a perceber apenas o visível e o vivido no momento, deslocando o papel do homem na construção dos seu espaços. Cada lugar - e neste sentido cada município tem uma população (grupo), tem uma história (tempo), e um sitio - o local (espaço) onde acontece a vida. E aí entra o outro conceito significativo para compreender em todas as suas potencialidades o que acontece no lugar. É a “situação que se refere à localização de um lugar, em relação à outros: o lugar visto em interação com outros lugares” (BROECK, p. 46)

Este autor avança em explicações dizendo que estes conceitos se imbricam de tal forma que são interligados para construir as explicações do que acontece num lugar, dizendo que “uma área pode ser considerada como um ‘local’ num caso, e como uma ‘situação’ noutro [...] Para compreender um lugar, grande ou pequeno, devemos avaliar os atributos de seu local, bem como de sua situação” (BROECK, p. 46).

Partir do estudo do lugar e ir adiante para estudar e compreender o mundo passando pelos demais níveis de espaço ou se vai partir de evento que pode ser global ou nacional e chegar no lugar não é o mais importante. O que importa é ter a dimensão do local e do global, numa perspectiva de escala analise que não fragmente o espaço, mas, que considere o mundo da vida em suas dimensões de singularidade e do universal.

Essa interpretação nos move à reflexão de que a escala de análise é fundamental para encaminhar a compreensão dos fenômenos, de certos lugares e também do conjunto do lugar no contexto do mundo.

O passado passou mas ilumina o presente e anima o futuro

A história nos permite fazer os balanços, elaborar as críticas acerca do que fizemos e do que temos hoje e pensar o futuro, e, esta escrita expressa um olhar e um pensamento que constrói um trajetória e possibilita elaborar alternativas para o futuro.

A trajetória da pesquisa em ensino de geografia no Rio Grande do Sul, implica em muito mais do que esta narrativa contempla. A escolha foi abordar a partir da memória uma trajetória da qual faço parte também e que me permite construir essa narrativa. As escolhas de circunscrever ao papel da AGB-PA nessa trajetória diz do papel que essa instituição teve efetivamente num processo de unir interessados na pesquisa de geografia e, no caso específico do ensino da geografia – um dos “ramos” da pesquisa geográfica.

Doutra parte a trajetória da pesquisa em ensino de geografia está também demarcada noutros textos produzidos atualmente e que são parte de outras reflexões e publicações. Uma delas tem a ver com os 20 anos do Programa de Pós - Graduação em Geografia da UFRGS, que sem dúvida realça juntamente com as demais áreas da pesquisa, esta linha pois que está entre os pioneiros da institucionalização para formação de mestres e posteriormente de doutores em Geografia.

Discutir a educação geográfica que hoje se adensa com a incorporação das tecnologias que nos permitem de um lado o acesso a inúmeras informações e doutra arte nos alimenta pelas possibilidade tecnológica de aproximar espaços e elaborar e organizar o conhecimento de modo significativo o faz com os avanços do mundo na modernidade.

Expressar essa realidade do mundo da pesquisa em ensino da geografia nos leva a um conceito que facilita os entendimentos de um componente curricular na escola básica, do qual sempre se pergunta: - para que serve a geografia? Para que ensinar geografia na escola? Isso remete ao enunciado de que, “Fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar geografia ‘passando conteúdos’, e, procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos” (CALLAI, 2011, p. 15). E, avançando neste entendimento, ainda na mesma citação se agrega que, “É, portanto um componente curricular que procura construir as ferramentais teóricas para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais” (id.).

Os trabalhos de pesquisa que estão sendo realizados nos Programas de mestrado e doutorado em geografia e também em educação, atualmente indicam caminhos

interessantes para pensar essa disciplina e a atenção para o que está sendo produzido também é importante. Uma trajetória demarca um tempo e um espaço e um grupo singulares, que servem para ser alimento de continuar investigando acerca de que para que serve ensinar geografia.

Referências Bibliográficas

- ATLAS ESCOLAR, **Ijuí- Atlas Escolar**. Ijuí: Editora UNIJUI, 1994.
- BROEK, J.O.M. Iniciação ao estudo da geografia. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- CALLAI, H.C. (org.). **O ensino de geografia**. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1986
- CALLAI, J, L. (org.). **Área de Estudos Sociais**, metodologia. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1986.
- CALLAI, J.L. (org.). **História e geografia na 8ª série**, o mundo contemporâneo. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1987.
- CALLAI, H.C.; ZARTH, P.A. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1988.
- CASTROGIOVANI, A.C.; CALLAI, H.C.; SCHÄFFER, N.O.; KAERCHER, N.A. (orgs.) **Geografia em sala de aula**, práticas e reflexões. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Associação dos Geógrafos Brasileiros-Secção Porto Alegre, 1998.
- CALLAI, H.C. **Educação Geográfica** - Reflexão e Prática, Coleção Ciências Sociais. Ijuí: Editora Unijuí.2011.
- CALLAI, H.C. Estudar o Lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANI, A.C.; CALLAI, H.C.; KAERCHER, N.A. **Ensino de Geografia** - práticas e textualizações no cotidiano. 12ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2017. P. 36-70.
- LACOSTE, Y. **A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra**. s.n.e.
- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC. 1996.
- _____. **Pensando o espaço do homem**. 5.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- SUERTEGARAY, D.M.A. Da fronteira do lugar, das areias e areais e, do percurso geográfico. Discurso ao receber o Prêmio Manoel Correia de Andrade. XIII ENANPEGE. São Paulo. 2019.
- UNIJUI. **Estudos sociais na 4ª série**. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1986.
- _____. **História e geografia na 5ª série**. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1986.
- _____. **História e geografia na 6ª série**. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1986.
- _____. **História e geografia na 7ª série**. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora. 1986.
- _____. **Vamos construir a história, o espaço e a sociedade de Augusto Pestana**. Departamento de Ciências Sociais. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora, 1992.

Recebido em 15 de maio de 2020.

Aceito para publicação em 29 de junho de 2020.